



Ditadura Ilustrada: Abordagem das Charges d'*O Globo* e da *Folha de S.Paulo*¹

Isabella Cristina Nascimento CORRÊA²
Universidade de Brasília (UnB)

Resumo

A pesquisa procurou verificar como os jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo* abordaram as charges durante a ditadura militar. A partir do princípio de que o humor gráfico desempenhou o papel de resistência no período, buscou-se entender se os veículos utilizaram charges como instrumento de crítica política e, se sim, de que maneira. Para a proposta, foram analisadas ilustrações produzidas por cada jornal ao longo dos anos 1964, 1975 e 1985, para verificar início, meio e fim dos governos militares. A observação e a análise do material coletado foram baseadas na investigação do contexto histórico por meio das notícias dos periódicos, na fundamentação teórica sobre charges para entender como são compreendidas e no estudo delas como fonte de opinião.

Palavras-chave: charge; ditadura militar; *O Globo*; *Folha de S.Paulo*; jornal impresso.

Introdução

Durante a ditadura militar no Brasil – de 1964 a 1985 –, não apenas a tortura física vitimou muitas pessoas no país. Pode-se chamar, também, de tortura intelectual a sofrida por muitos profissionais. A produção de cultura, embora carregada de censura, colaborou para recontar a história do período por outros ângulos, além de representar uma forma de resistência ao regime.

A pesquisa parte do princípio de que a ilustração exerce influência na vida social, assim como a cultura e a imprensa. Portanto, entende-se que as charges podem servir para dar leitura diversificada a temas variados da sociedade. O questionamento que motivou a investigação, então, é de que modo foi feita a abordagem das charges pelos jornais tradicionais de grande circulação e se ela se comprometeu com o papel social atribuído à ilustração de humor.

Com a análise, pode-se avaliar, a partir disso, se a produção de charges diminuiu, se aumentou, se criticou ou apoiou o governo, se apresentou os mesmos

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Recém-formada em Comunicação Social (habilitação Jornalismo) pela Universidade de Brasília (UnB).



posicionamentos dos editoriais, se falou diretamente da ditadura ou se abordou outros assuntos.

Como os fatos compreendidos acontecem em um intervalo de tempo extenso, o trabalho abordou três datas pontuais – 1964, 1975 e 1985 – que permitem expor um quadro amplo da ditadura. Desse modo, também é possível verificar se houve mudanças ao longo do tempo.

Para chegar ao objetivo final, foram necessários alguns objetivos específicos que, juntos, possibilitaram viabilizar a finalidade da pesquisa: 1) Descrever o contexto histórico do regime militar por meio da imprensa; 2) Identificar conceitos necessários para o entendimento da charge, verificar qual é o papel da ilustração como fonte de opinião e de informação e como as ilustrações eram abordadas nos jornais da época e; 3) descrever como *O Globo* e a *Folha de S. Paulo* abordaram as charges nos anos de 1964, 1974 e 1985.

Escolha e observação dos jornais

Além da abrangência nacional, escolha dos jornais *Folha de S. Paulo* (SP) e *O Globo* (RJ) também é proposta, neste trabalho, pelo contraponto de abordagem dos dois periódicos em relação ao regime. A ideia foi colher jornais que possibilitavam maneiras distintas de exploração dos fatos. *O Globo*, do início ao fim do período ditatorial, apoiou os governos militares. No dia 7 de outubro de 1984, o dono do jornal, Roberto Marinho, admitiu o apoio em artigo publicado na primeira página:

Participamos da Revolução de 1964 identificados com os anseios nacionais de preservação das instituições democráticas, ameaçadas pela radicalização ideológica, greves, desordem social e corrupção generalizada. Quando a nossa redação foi invadida por tropas anti-revolucionárias, mantivemo-nos firmes em nossa posição. Prosseguimos apoiando o movimento vitorioso desde os primeiros momentos de correção de rumos até o atual processo de abertura que deverá consolidar-se com a posse do futuro presidente (MARINHO, *O Globo*, 7 de outubro de 1984)

A *Folha de S. Paulo*, no entanto, mesmo que tenha apoiado o golpe de 1964, atuou de maneira mais branda em relação ao jornal *O Globo*. Ainda durante a renúncia do ex-presidente Jânio Quadros, a *Folha* defendeu que o país fosse governado pelo sucessor João Goulart, ainda que fizesse duras críticas à gestão dele. *O Globo*, nessa



ocasião, não aceitou nem mesmo que Jango atuasse em regime parlamentarista (PILAGALLO, 2014)³.

No fim dos anos 1960 e meados dos anos 1970, a censura dentro das redações limitou o trabalho dos jornalistas. Os trabalhos de opinião foram restringidos, mas ainda é importante observar como os jornais conseguiram trabalhar em cima da repressão intelectual.

Memória e estudo das charges no jornalismo

Meio século após o golpe militar de 1964, ainda é possível criar interpretações e novos olhares sobre os acontecimentos daquele evento e da ditadura que se instalou nos anos seguintes no Brasil. Refletir sobre o passado é uma maneira de pensar o mundo em que se vive no presente. Observar as relações existentes entre os tempos de ontem e hoje pode sugerir novas interpretações. Como afirma Marina de Andrade Marconi⁴ e Eva Maria Lakatos⁵, no livro *Fundamentos da metodologia científica* (2006), a pesquisa histórica permite entender melhor a natureza e a função das formas atuais de vida social, visto que tais formas têm origem no passado. Ainda fatos que aconteceram anos atrás possibilitam modificar perspectivas sobre o mundo.

Apesar de existirem muitos estudos e pesquisas sobre a ditadura militar no Brasil, ainda há – e sempre haverá – razões para repensá-la. Exemplo disso foi o discurso do coronel Paulo Malhões concedido em março de 2014 à Comissão Nacional da Verdade. Depois de 50 anos do golpe, o militar, que atuou em um centro clandestino de tortura no Rio de Janeiro durante a ditadura, assumiu ter matado, torturado e ocultado corpos de presos políticos na época⁶. Percebe-se que períodos obscuros desse tipo podem sempre resgatar colaborações, desdobramentos e discussões.

Sob a ótica da notícia, o jornalismo colabora para o resgate dos acontecimentos por meio de acervos dos assuntos diários de períodos determinados. No entanto, pelo

³ Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/157543-imprensa-apoiou-ditadura-antes-de-ajudar-a-derrubala.shtml>. Acesso em: 23 mar. 2014

⁴ Doutora em antropologia pela Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista (Unesp)

⁵ Mestre e doutora em Ciências e doutora em Filosofia (Metodologia Científica). Foi professora de Sociologia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo

⁶ Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2014/03/1430795-coronel-admite-que-torturou-matou-e-ocultou-corpos-na-ditadura-militar.shtml>. Acesso em 26 mar. 2014



modo de produção do jornalismo, o jeito de contar os fatos sofre alterações. O jornalista Luiz Costa Pereira Junior⁷, no livro *A apuração da notícia* (2010), afirma que muitas vezes é preciso diminuir ou evidenciar trechos das notícias para facilitar o entendimento. Por esse motivo, revisitar os acontecimentos da ditadura militar contados pelos jornais possibilita executar um exercício histórico valioso de reinterpretação dos fatos e de ampliação do debate.

O discurso jornalístico, no entanto, não se limita ao texto e, por isso, é importante analisar outras maneiras de informação encontradas na área. Onici Claro Flôres⁸, no livro *A leitura da charge* (2002), afirma que “as imagens propriamente ditas permitem uma apreensão mais rápida porque são percebidas como totalidades. Já a linguagem verbal é discreta e decomponível” (2002: 24). Assim, preferiu-se trabalhar com ilustrações em função da liberdade criativa que elas permitem em relação aos fatos. Vale ressaltar a preferência do desenho: as ilustrações conseguem passar algo além do registro fotográfico. Antonio Luiz Cagnin⁹, na obra *Os quadrinhos* (1975), expõe que o primeiro estatuto da fotografia é o de ser documento e registro, enquanto o desenho trabalha com mensagens codificadas.

As charges são “comentários sociais, que, velados pela ironia ou explicitamente opinativos pela sátira e pelo sarcasmo, mostram com simples figuras o que não poderia ser dito com menos de mil palavras” (FONSECA, 1999: 13). Assim, voltar há 50 anos e percorrer os 21 de regime militar por meio dos desenhos de humor permite resgatar a abordagem diferenciada do período.

O humor gráfico n’*O Globo*

A primeira charge d’*O Globo* foi publicada no dia 29 de julho de 1925, pelo cartunista Raul Pederneiras, na edição de estreia do jornal. O desenho criticava o desequilíbrio que existia nas contas públicas do governo da época. Com a publicação, “o jornal firmava um princípio que jamais abandonou ao longo dos anos no país e no

⁷ Jornalista, doutor em filosofia e educação pela Universidade de São Paulo (USP)

⁸ Doutora em Linguística pela PUCRS e professora de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/RS – Canoas)

⁹ Doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), foi pioneiro nos estudos de quadrinhos no Brasil



mundo: o de reconhecer a importância de cartuns, charges e caricaturas na informação que o leitor busca em suas páginas”¹⁰.

Marcelo Monteiro foi responsável pelos trabalhos na seção de esporte. Desenhos criados para os personagens de Nelson Rodrigues – na coluna “A sombra das chuteiras imortais” – ficaram marcados na história do jornal.

Na década de 1980, *O Globo* aumentou intensamente a produção de desenhos de humor. Henfil – pseudônimo de Henrique de Souza Filho – passou a compor a equipe de cartunistas em 1983.

Chico Caruso iniciou, em 1984, uma série de trabalhos que diferenciaria a cobertura política até então. Publicadas sempre nas primeiras páginas, as charges brincavam com personalidades, principalmente políticas – mas também da cena cultural, esportiva e de generalidades –, com referências artísticas. Recriou quadros famosos da pintura clássica em cima de caricaturas e fez personagens sérios da política brasileira virarem alvo da risada do público. Em 1985, o ilustrador Miguel Paiva representou os desdobramentos políticos das eleições presidenciais. Tancredo Neves e Paulo Maluf – candidatos – ficaram marcados pelo humor depositado nos desenhos do cartunista.

O humor gráfico na *Folha de S.Paulo*

Destaque dos primórdios da história da *Folha de S.Paulo* foi o cartunista Belmonte – pseudônimo para Benedito Bastos Barreto. A participação no jornal começou em 1921, quando o periódico ainda era *Folha da Noite*. O personagem Juca Pato foi o mais memorável da carreira do artista. Joaquim da Fonseca (1999), no livro *Caricatura: A imagem gráfica do humor*, afirma que “Juca representava o cidadão comum, trabalhador, honesto, pagador de impostos, perplexo, irritado e às vezes apoplético contra os desmandos do custo de vida, da burocracia, da corrupção política e da exploração do povo” (1999: 238).

Nelson Coletti e Orlando Mattos foram responsáveis pelas charges publicadas ao longo da década de 1960 na página 4 – destinada aos textos de opinião – da *Folha de S. Paulo*.

De acordo com pesquisa de acervo realizada para este trabalho, durante o período de 1971 a 1974, a *Folha* não publicou editoriais ou charges. Em 1975, com as

¹⁰ Disponível em: <memoria.oglobo.globo.com/humor/raul-pederneiras-9042331>. Acesso em: 20 mai. 2014.



mudanças motivadas pela chegada do jornalista Cláudio Abramo, a seção de opinião foi renovada – passou a ser publicada na página 2 e a contar com novos artigos e colunas – e a redação da *Folha* recebeu o cartunista Angeli. Produziu charges e tiras cômicas no periódico – e ainda faz parte da equipe. Criou diversos personagens satíricos, entre eles, o AI-5, que, nas palavras do cartunista, “era um cara que não deixava ninguém falar” (GONÇALVES, 2008: 205).¹¹ A partir de então, as ilustrações deixaram de ser diárias e passaram a ser publicadas esporadicamente.

O diário cobriu intensamente as Diretas-Já em uma espécie de campanha, como demonstrou também na cobertura textual. Após as mudanças editoriais na década de 1975, o diário passou a contar com profissionais de oposição ao regime e isso ficou claro nas páginas do jornal. Foi o primeiro deles a defender as diretas rumo à democracia no país.

Os ilustradores Fortuna e Fausto foram outros dois colaboradores importantes nesse período em que se discutia a abertura política. Ambos produziram trabalhos que evidenciaram a proposta da *Folha* em apoiar a redemocratização do país.

As charges d’*O Globo* e da *Folha de S.Paulo* em 1964

A partir da pesquisa de acervo realizada para este estudo, observou-se que *O Globo* não utilizou charges nacionais até 1985. Além de sempre publicarem as versões internacionais, não havia regularidade nas publicações. O fato é curioso, visto que o jornal assumiu compromisso com a divulgação desse tipo de material gráfico desde a primeira charge publicada no periódico (ver página 4).

Em uma matéria sobre as publicações de humor do jornal¹², *O Globo* afirmou que a política sempre foi tema das charges da primeira página e que “independentemente do período e dos governos, os deslizes das autoridades não escapavam ao crivo dos desenhistas”. Tal fato, no período da ditadura militar – até o início de 1980 pelo menos – não poderia ser confirmado, visto que o jornal não publicou charges nacionais¹³. Até o período Jânio Quadros, algumas charges – como as do cartunista Théó – eram publicadas.

¹¹ Citação retirada de entrevista concedida ao jornalista Marcos Augusto Gonçalves, publicada no livro *Pós-tudo: 50 anos de cultura na Ilustrada* (2008)

¹² Disponível em: <acervo.oglobo.globo.com/charges-e-humor/politica-corrupcao-ja-inspiravam-charges-no-inicio-do-seculo-passado-9077487#ixzz35KrdzTKu>. Acesso em: 15 mai. 2014

¹³ A autora observa que o acervo consultado apresentava páginas indisponíveis e que, por isso, pode-se não ter um resultado perfeitamente conclusivo.

No período analisado, entre 1964 e 1985, é notável a evolução d’*O Globo* no que diz respeito ao uso do humor por recursos gráficos. Nos anos anteriores a 1964, o jornal utilizou mais charges políticas nacionais do que ao longo da primeira década de governo militar. Durante a ditadura, até a década de 1980, o periódico apostou em reproduzir charges de jornais estrangeiros.



O caricaturista do "Daily Express" vê o Primeiro-Ministro Harold Wilson em apuros no preparo de explosivas reformas, enquanto seu ministro da Economia indaga se não seria bom pedir a ajuda do antigo cozinheiro conservador de Downing Street...

Fonte: acervo *O Globo* – 19 de dezembro

No dia 19 de dezembro, *O Globo* publica charge de Cummings criticando medidas econômicas da Inglaterra na gestão do primeiro-ministro Harold Wilson, eleito em 1964. No desenho, ele tenta administrar e evitar desastres gastronômicos em uma cozinha. Ao lado, aparece o ministro de assuntos econômicos com ar de dúvidas sobre o que Wilson faz.

A ilustração apresenta vários elementos metafóricos que fazem alusão aos assuntos recentes da época que acaloravam os debates políticos em Londres. Em primeiro lugar, todas as refeições preparadas pelo primeiro-ministro parecem estar saltando das panelas, explodindo ou borbulhando intensamente. O fato de o ministro de economia não ajudar em nada, aparentemente, revela que os resultados ruins na cozinha – e na economia – são atribuídos à Wilson. O primeiro-ministro usa um grande chapéu de chefe de cozinha e esse elemento intertextual possibilita ao leitor entender o poder de comando e de gerência dele. Detalhe que faz diferença no teor cômico da charge é o tamanho do fogo das bocas do fogão: Wilson não consegue sequer saber qual é o nível

necessário de temperatura para cozinhar o alimento, fato que indica o total descontrole do político diante de sua função – segundo o cartunista. A desordem também é acentuada pela fumaça preta que sai do forno e sobe para o teto.

A *Folha de S. Paulo*, em 1964, publicava charges diárias no caderno 4 acompanhadas do editorial. No período geral analisado, verificou-se que as sempre abordavam assuntos relacionados ao governo e que continham repercussão política. No início do ano, o grande debate era a má gestão do então presidente João Goulart. A maioria das charges mostrava um Jango debilitado por não dar conta de cuidar do país: em várias delas, aparecia com curativos, suado, correndo, fugindo de algo ou alguém, caindo ou diminuído.

Com Castelo Branco no poder, as charges mudaram de tom: de críticas ao governo, passaram a elogiosas demonstrações de apoio à posse. O clima geral era de esperança de haver modificações nos cenários político e econômico. O presidente apresentava-se, geralmente, com semblante mais sério e sereno, bem diferente da forma que Jango era caricaturado.



Fonte: acervo Folha de S.Paulo - 25 de dezembro de 1964

A charge do dia 25 de dezembro brincou com a data comemorativa do Natal para falar dos problemas que o Brasil deixava em 1964 e das expectativas para o futuro. O chargista Orlando Mattos mostra um Castelo Branco simpático, sereno e calmo, vestido



de Papai Noel e presenteando uma “vida mais barata” aos brasileiros. A ideia é fazer uma crítica à economia administrada até então.

Pela simpatia que a caricatura do presidente demonstra, imagina-se que a ilustração também dá a entender que a esperança ainda estava com a “revolução” de abril e que o povo deveria confiar na missão dada ao presidente de melhorar o país.

O contexto extraicônico, apontado por Cagnin (1975), é notado como característica primordial. As referências sociais e econômicas – sejam observadas, por exemplo, nos aumentos dos preços dos alimentos ou pelas notícias de inflação no noticiário – são importantes para o entendimento completo da peça. Essas questões são absorvidas pelo leitor previamente a partir de outras referências intelectuais.

As charges d’*O Globo* e da *Folha de S.Paulo* em 1975

Em relação a *O Globo*, de acordo com a pesquisa de acervo disponível¹⁴, foi constatado que o ano de 1975 também não foi significativo na produção de charges políticas. Algumas hipóteses podem ser consideradas: a década de 1970 foi dura no que diz respeito à censura. Com o Ato Institucional nº 5 em vigor, publicar conteúdo de opinião era mais difícil – principalmente contra o governo. Por mais que o jornal publicasse apenas charges políticas sobre assuntos internacionais nos anos 1960, não havia forte tendência de charges políticas n’*O Globo*. As razões podem ter sido técnicas e operacionais¹⁵ – ou seja, por falta de condição de publicar as charges –, e ainda, motivadas por mera opção editorial do periódico.

De acordo com o editor de opinião d’*O Globo*, Aluizio Maranhão, o jornal apoiou o regime militar e, segundo ele, isso poderia ter motivado a preferência por não publicar charges.

As publicações opinativas na *Folha de S.Paulo* diminuíram desde 1970, quando o periódico preferiu não produzir textos de opinião para não contrariar o governo.

¹⁴ Durante a apuração dos dados, foram consultadas publicações dos anos de 1964 a 1985, mas algumas páginas das edições estavam indisponíveis. Esse problema pode alterar, em alguma maneira, os resultados coletados.

¹⁵ Para a pesquisa, foi feito contato com *O Globo* para descobrir por que não foram publicadas charges em 1975, mas não houve retorno.



Fonte: acervo *Folha de S. Paulo* – 30 de dezembro de 1975

No dia 30 de dezembro de 1975, o cartunista Angeli desenhou dois cidadãos comentando a possível revogação do Ato Institucional nº 5. Na charge, um informa o outro sobre a possibilidade não se ouvir mais falar no ato. A ironia está na resposta do segundo homem: “Por que? Vai mudar de nome”? A ilustração está profundamente ligada aos debates políticos da época. Geisel prometia abertura política e uma das medidas que daria esperança ao povo sobre ela acontecer seria o fim do AI-5.

No entanto, nesse mesmo dia, uma nota de canto da página da editoria de assuntos nacionais anunciava que embora reconhecesse “ser reivindicação de importantes setores sociais, o governo não considera, em hipótese alguma, a reforma ou a revogação do AI-5 num prazo previsível”¹⁶. Ainda segundo o jornal, as razões do governo para isso eram a falta de argumentos para revoga-lo, a falta de propostas para substituí-lo e o receio de que articulações subversivas e facções extremistas atacassem o Estado. O AI-5 era visto como medida preventiva de qualquer ameaça destrutiva de grupos de oposição ao governo.

Assim, a charge brinca, de forma bem humorada, com o que seria o “mito” do fim do ato institucional: se não se ouve falar mais em AI-5 só poderia ser porque mudou de nome. A *Folha*, dessa maneira, mostrava que não existia confiança ou esperança de realmente haver revogação.

O valor cômico do desenho é revelado a partir do texto e não pela imagem. Sem o apoio textual, provavelmente seria necessário algum elemento metafórico para passar a ideia do autor. A intertextualidade presente na charge vem de informações complementares dos debates políticos sobre o possível fim do AI-5 e sobre as intenções de abertura política do governo Geisel – noticiados pela mídia. No processo de leitura

¹⁶ Nota publicada no dia 30 de dezembro de 1975 no jornal *Folha de S. Paulo*

da ilustração, o público cria suas impressões por meio do conteúdo consumido por ele anteriormente.

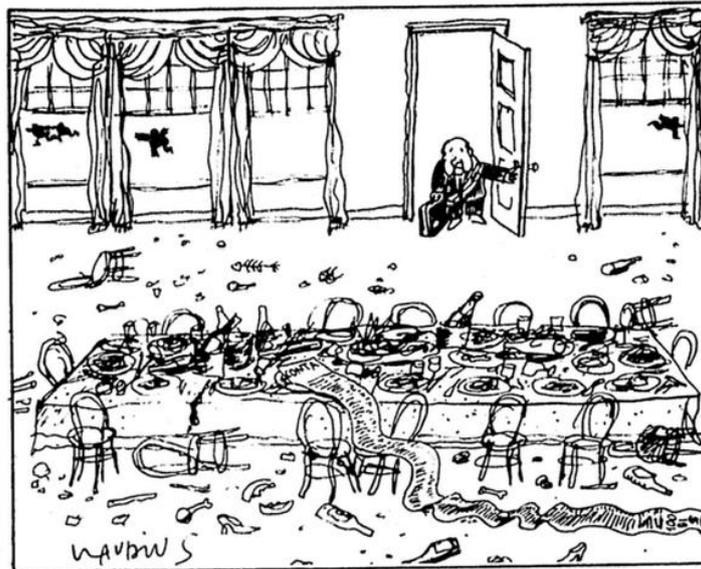
As charges d’*O Globo* e da *Folha de S.Paulo* em 1985



Fonte: acervo *O Globo* – 21 de janeiro de 1985

Após seis dias da votação que elegeu Tancredo Neves como presidente, realizava-se o último dia do festival Rock in Rio no estado carioca. Chico Caruso desenha o político segurando uma maleta no formato do Brasil e outros artistas – Baby Consuelo, Freddy Mercury, Rod Stewart e um Ozzy Osbourne.

O chargista aproveitou o evento internacional para criar o valor cômico da ilustração. Nela, junto com os artistas que participaram do festival, Caruso se apropria do contexto extraicônico – o Rock in Rio – para criar o humor. Enquanto os artistas chegam para fazer suas apresentações musicais, Tancredo Neves chega para dar o seu show na política. Essa seria a esperança da nação para a recuperação do país.



Fonte: acervo *Folha de S.Paulo* – 15 de março de 1985

O desenho do cartunista Claudius mostra o presidente eleito Tancredo Neves segurando uma mala e abrindo a porta de um salão, que representa o novo aposento do presidente. O local, no entanto, é recebido por ele com aspecto não desejado: há pratos quebrados, cadeiras caídas, garrafas, talheres, restos de comida e até sapatos espalhados pelo chão. A exposição da charge pode ser captada pela ideia de que “a farra acabou” e um pouco de realismo precisa ser posto em prática para reerguer um país atrasado por rixas políticas e decisões econômicas mal feitas.

O detalhe, que faz toda a diferença para o valor cômico da charge, é um longo papel deixado em cima da mesa cuja única palavra legível é “conta”. Sem o papel em cima da mesa, ainda seria possível perceber que a desorganização, a baderna, a farra e o descontrole podem ser entendidos como consequências dos governos militares deixadas ao novo presidente. Com o papel, a charge, porém, reforça a ironia: além de toda a bagunça que o regime militar deixou, há uma conta extensa e cara a ser paga.

Outro elemento apresentado pelo autor da peça são os corpos escuros saindo pela janela. Imagina-se que sejam representantes do governo anterior que saem quase expulsos pelo descontentamento geral da sociedade e sob a sensação de que naquele momento só haveria lugar para uma nova administração.

Considerações finais

O trabalho, que abrange um estudo maior, fruto de uma monografia apresentada como pré-requisito de conclusão de curso em Comunicação Social – Jornalismo, tentou mostrar de que modo as ilustrações de humor foram abordadas pelos jornais.

Nesse contexto, a atuação da imprensa foi essencial para entender o clima em que se instaurou o golpe militar e como os regimes se desenvolveram a partir de então. A produção de charges durante o período contribuiu para criticar ações do governo e gerar reflexão na sociedade.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar a dificuldade de se produzir conteúdo opinativo durante a ditadura. A censura afetou diretamente a produção. Mas percebe-se que houve progresso em relação às críticas políticas.

A *Folha* afirmou ter apoiado o regime até a metade do período, mas ter sido um dos veículos mais críticos no segundo momento¹⁷. *O Globo* também admitiu o apoio ao regime em editorial divulgado no dia 31 de agosto de 2013. Ambos evitaram criticar intensamente o governo, embora a *Folha* tenha passado a ser mais dura com o governo a partir de 1975 e *O Globo*, em 1985.

O cartunista Nelson Coletti, ao conceder entrevista para esta pesquisa, afirmou que a direção da *Folha* orientava-o a não falar de temas que envolvessem o governo, apenas assuntos corriqueiros do cotidiano, justamente para evitar problemas para o jornal.

Dos diários observados, *O Globo* foi o que mais evoluiu. Em 1964, o diário não publicou charges sobre a política brasileira, apenas reproduziu ilustrações de jornais estrangeiros. No período analisado, observou-se o uso de desenhos de periódicos da Inglaterra, como *The Guardian* e *Daily Express*. O fato foi considerado incomum porque há alguns anos antes dessa data, em 1960, havia charges que satirizavam o então presidente Jânio Quadros.

Nas edições observadas em 1975, sequer era possível encontrar ilustrações políticas. Porém, em 1985, ano em que o país não estava mais em uma ditadura, e passou a veicular diversas ilustrações críticas, artísticas e que possibilitavam reflexão da vida política do momento.

¹⁷ A informação foi confirmada no editorial publicado no dia 30 de março de 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/158906-1964.shtml>. Acesso em: 23 jun 2014



Para entender por que nos dois primeiros anos analisados não houve publicação de charge, a diretoria de jornalismo d’*O Globo* foi procurada para dar esclarecimentos que pudessem aprimorar os resultados da pesquisa. Em resposta, o editor de opinião, Aluizio Maranhão, afirmou que, durante boa parte do período, o jornal se submeteu à autocensura, devido à dificuldade de dialogar com um regime que restringia a liberdade.

Outro motivo apontado foi o apoio da empresa aos governos militares. Embora Maranhão não estivesse na equipe à época – entrou em 2001 –, ainda afirmou que a razão pode ter se dado por decisão editorial, quando houve o fim formal da censura, no governo Geisel.

Em 1985, no entanto, com o processo de abertura política, o quadro se alterou completamente. As charges levaram o jornal a ter nova identidade porque, além de colaborar com mais uma forma de manifestar opinião crítica, também transmitia mais leveza, pois fazia o público rir da política do país. Os cartunistas Chico Caruso e Henfil passaram a trabalhar na equipe e as ilustrações se tornaram frequentes, quase diárias.

Como a *Folha de S.Paulo* ficou sem editorial no início dos anos 1970 e sem charges políticas, o momento em que as ilustrações voltaram, em 1975, as mudanças foram mais perceptíveis. As charges desse ano apresentaram críticas mais duras, falando abertamente, inclusive, sobre o AI-5. Nesse sentido, nota-se, aos poucos, a evolução da charge como elemento de resistência. As charges desse período apresentaram mudanças em relação as de 1964.

Quando, em 1980 a abertura política já era um fato, muitas ilustrações surgiram e, em algum nível, colaboraram para incitar a discussão na sociedade. Não havia charges no período de exceção da ditadura militar, mas, na redemocratização, diversos desenhos ajudaram a problematizar os acontecimentos.

Em circunstâncias de exceção, como no caso da ditadura militar, a liberdade é restringida e a análise também é dificultada. No entanto, o que se pode dizer é que, em um Estado restrito, a produção cultural, mesmo que afetada, ajuda a dar material para a reflexão e para a mudança.

Referências bibliográficas

ABRAMO, C. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988



BELTRÃO, L. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1960.

CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

FLORES, O. **A leitura da charge**. Canoas: Ed. ULBRA, 2002.

FONSECA, J. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Aletre: Artes e Ofícios, 1999.

FRANCO, B. M. **Coronel admite que torturou, matou e ocultou corpos na ditadura militar**. São Paulo. 25 mar. 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2014/03/1430795-coronel-admite-que-torturou-matou-e-ocultou-corpos-na-ditadura-militar.shtml>. Acesso em: 26 mar. 2014

GONÇALVES, M. A (Org). **Pós-tudo: 50 anos de cultura na Ilustrada**. São Paulo: Publifolha, 2008.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2006.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

O GLOBO. **Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro**. Rio de Janeiro. 31 ago. 2014. Disponível em: <oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604#ixzz35TTjUTpB>. Acesso em: 25 mai. 2014

PEREIRA JUNIOR, L. C. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PILAGALLO, O. **Imprensa apoiou ditadura antes de ajudar a derrubá-la**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 23 mar. 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/157543-imprensa-apoiou-ditadura-antes-de-ajudar-a-derruba-la.shtml>. Acesso em: 23 mar. 2014.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**, Lisboa, Editorial Presença, 5ª edição, 1999